prestimo ao govêrno, *para auctorizar a direcção a podêr fazel-o; e sem o seu previo consentimento se não poderá contractar* (palavras textuaes). Ter correspondentes nas praças mais acreditadas da Europa, especialmente Londres, e procurar para este fim as principaes casas de commercio.

O Banco é um estabelecimento que não dispõe so do dinheiro dos seus accionistas, mas ainda da fortuna de grande número de pessoas que teem alli os seus depositos, ou que estão ligados com elle em importantes transacções. Este estabelecimento goza na realidade do direito de cunhar moeda, que outra coisa não é a faculdade de emittir notas, demais a mais sem fixação da somma de seus valores. O Banco é finalmente, o primeiro, o mais grave, o mais priviligiado dos estabelecimentos monetarios do paiz. Parece-me pois, á vista d'estas considerações que cumpriria ao govêrno ordenar a proporção que deveria ser guardada na emissão das notas em referencia ao capital disponivel; obrigar á publicação de um relatorio das operações do estabelecimento, ao menos no fim de cada anno, invalidando assim a absurda prescripção do artigo 72 do seu regulamento que manda considerar objecto de segredo essas operações, que é costume em toda a parte serem publicadas pela imprensa mais de uma vez cada anno; nomear, finalmente, um inspector que por parte do govêrno fiscalize o cumprimento da lei, e vigie sôbre a propriedade e os interesses dos particulares.

O Banco recebendo os importantes privilegios do govêrno, pondo-se debaixo da sua immediata protecção, acceitando os depositos dos particulares etc., collocou-se sem dúvida na posição de ser fiscalisado por um agente do govêrno, e este pela natureza das suas concessões ao Banco contrahiu a obrigação de superintender no modo da execução d'ellas, porque é responsavel á nação pelos abusos ou desvios que d'essas concessões lhe possam provir a ella. Isto em quanto a mim é logico; nem se precisam allegar exemplos para provar a legitimidade de similhante providencia.

Aqui está francamente como eu intendo necessaria uma reforma no Banco de Lisboa.

Quanto ao estado presente do credito d'este estabelecimento, vai melhorando todos os dias; e nem a providencia tomada de tornar forçado, temporariamente, o curso de suas notas, seria razão sufficiente para que assim não acontecesse. Uma suspensão de pagamentos em especie das notas que a representam, so póde ser produzida pela affluencia total, ou quasi, das mesmas notas: ésta tal affluencia não se dá senão por motivo de um pannico geral quasi sempre filho de uma grande crise. Ora, éstas, felizmente, raras vezes teem logar, e ainda assim dão tempo as mais das vezes a que se tomem providencias para sobrestar a seus effeitos; ou então, se o pannico procede de uma revolução politica ou de uma grande calamidade pública, circumstancias em que todas as rodas do Estado sahem dos seus eixos, não é de admirar que soffra um revez um estabelecimento d'esta natureza; n'esse caso não ha successo por mais extraordinario que seja, que possa entrar em regra ou ter-se em conta, quando se tracta de um andamento regular das coisas; as cidades não se podem prevenir contra os terramotos. Ainda não ha exemplo de que nenhum dos grandes Bancos désse fim por falta de seus pagamentos: ao contrário, quasi sempre depois das crises porque todos elles, mais ou menos teem passado, o seu credito se tem restabelecido mais solidamente e a confiança pública tem augmentado. O mesmo Banco-de-Lisboa ja nos póde servir d'exemplo. O Banco-de-Londres tem passado por muitas crises violentissimas, nomeadamente em 1765, 1780, 1795, no ministerio de Pitt, em 1827 e 1837. O Banco-d'Amsterdam, a mais gabada de todas as instituições d'esta natureza, soffreu em 1794 uma forte depreciação em suas notas por haver emprestado grossas sommas á companhia das Indias, provincias d'Hollanda, etc. que seus devedores lhe não podiam pagar. O Banco-d'Hamburgo, que se diz ser de todos o melhor administrado, teve tambem sua crise em 1814. O de França em 1806 foi obrigado a suspender os seus pagamentos em numerario, em consequencia das suas transacções com o govêrno. O dos Estados-Unidos passou tambem pela sua crise de 1836 — 37 e todavia era o excesso do seu activo sôbre o passivo, proximo áquella epocha, de obra de 412,000,000 francos!

DAS CAUSAS QUE TEM INFLUIDO NO ANDAMENTO DA CIVILIZPÇÃO EM DIVERSOS PAIZES.

655 O artigo que se vai ler, e os que o seguirem, são extrahidos de uma memoria lida pelo auctor na academia das sciencias moraes e politicas de Paris. As causas a que se deve attribuir a deseguáldade dos progressos da civilização nos diversos paizes da terra, é uma questão tractada n'esta memoria em toda a sua ex-

SUMMARIO.

CONHECIMENTOS UTEIS.

BANCO DE LISBOA.

654 A assemblea do Banco-de-Lisboa reuniu no dia 18 do corrente e nomeou uma commissão para conhecer do estado financeiro do mesmo estabelecimento.

Quando na REVISTA n.º 1, do corrente volume, eu dei conta da providencia governativa que mandou dar curso forçado ás notas do Banco, fallei como a prudencia aconselhava então (segundo me pareceu) que se devia tractar este grave negocio. Mas era dever da direcção fazer immediatamente o que comeffeito fez, convocar a assemblea para lhe dar conta do estado da sua gerencia.

N'este estado em que se acham as coisas a REVISTA nada deve ter com o que se passa entre a direcção, a commissão nomeada, e a assemblea-geral. Tambem sôbre o passado, isto é: sôbre as causas que produziram a necessidade de mandar dar curso forçado ás notas, acho ser desnecessario intrometter-me, e além d'isso os cavalheiros que compoem a direcção do Banco merecem toda a confiança. Mas, o que me parece ser um dever da imprensa que se occupa dos interesses economicos do Estado e da prosperidade pùblica, é tractar, discutir os alvitres que deverão para o futuro contribuir para assegurar solidamente o credito do primeiro estabelecimento financeiro do paiz. Este sim, que é o ponto, e taes são os pontos dignos de chamar a attenção de todos os homens que querem deveras o bem do seu paiz, que não vivem na patria assim a modo de rendeiros de uma fazenda, para so a desfructarem fique ella afinal embora arruinada... Como a dos outros homens é curta a vida dos egoistas; que pena para elles!

Estou convencido de que o Estado carece de um estabelecimento financeiro, um Banco-nacional, que servisse de base ás operações de fazenda do govêrno, de garantia, de centro, e de motor á prosperidade economica do paiz, dilatando a sua acção por todo elle, derramando os capitaes por toda a parte em que elles fossem necessarios. Mas, pois que não ha similhante estabelecimento, nem porventura a creação d'elle passaria nunca de uma bella theoria, va que seja o Banco-de-Lisboa um supprimento de mais vasta instituição. E na verdade elle o tem sido. Mas poderá ou deverá e de que modo hade continuar a sel-o?

Todos sabem que um Banco é um estabelecimento de credito, que faz transacções de descontos, emprestimos, circulação, etc., com o dinheiro dos seus accionistas, substituindo este por notas, cujo valor a prática e a experiencia permittem se eleve a dois terços e mais do seu capital disponivel. Demais os Bancos em França e Inglaterra, principalmente, são, como aqui, uma das rodas do Estado, que auxilia o thesoiro-pùblico, e acode ao govêrno nas suas precisões.

Isto posto, vejamos se o Banco tem o sufficiente numerario em fundo para fazer face ás suas transacções commerciaes, imprestar grandes quantias e repetidas vezes ao govêrno, e dar credito ás outras companhias subscrevendo com avultada somma para as acções d'ellas. O capital do Banco é apenas de dois mil e quatrocentos contos. E ainda que a emissão de notas lhe póde augmentar muito este capital, comtudo a lei da sua creação, se bem que não limita o *quantum* do valor d'ellas, ordena que ésta emissão seja feita em proporção tal que nunca exponha o Banco a defferir ou interromper os seus pagamentos (art. 14).

A primeira coisa pois, emquanto a mim, que haveria a fazer, seria elevar o capital do Banco, e renovar ao mesmo tempo os seus privilegios que acabam d'aqui a oito annos.

Em quanto á economia interna do Banco, sería para desejar uma reducção senão no número, pelo menos nos ordenados dos seus empregados, que são realmente excessivos para o tempo d'hoje. Estabelecer caixas-filiaes em Bragança, Coimbra, Castello-Branco, Evora, Faro, ou terras similhantes, onde ellas mais convenientes fossem. Pôr em prática o disposto no artigo 19 da carta-de-lei de 9 de junho de 1824, que rehabilitou o Banco, e artigo 24 do seu regulamento. Cumprir religiosamente o que determina o artigo 13 da sobredita carta-de-lei, e artigo 65 do seu regulamento, que mandam convocar a assemblea-geral quando houver de se fazer algum im-

tensão. Depois de haver examinado se existe entre as raças humanas desegualdades nativas de intelligencia e de juizo, passa o auctor a tractar qual é a parte da influencia das leis e instituições sôbre o desenvolvimento das sociedades Daremos so, de todo este trabalho, a secção que se refere á acção das circumstancias do sitio e clima; pareceu-nos a mais interessante, e demais as conclusões geraes com que termina são sufficientes para dar uma idea geral das opiniões enunciadas no complexo do assumpto.

....

....

Os factos da ordem physica que influem no andamento da civilização e tem tornado deseguaes os seus progressos em diversos paizes do globo, são numerosos e differentes. Todos elles porém concordam, em seus effeitos, a facilitar ou contrariar

1.° A agglomeração das populações;
2.° O exercicio do commercio e navegação;
3.° A divisão das occupações e actividade do trabalho.

Examinaremos pois esses factos na sua relação com éstas tres origens principaes da prosperidade humana, e facil nos será mostrar quanto tem sido circumscripta a zona territorial em que a civilização tem achado até aqui as condições todas de que precisa para extender gradualmente as suas conquistas.

As vantagens que prendem com a multiplicação e agglomeração das povoações não podem ser duvidosas. Sabe-se que os homens nem se instruem nem se policiam senão pelo contacto com os seus similhantes. Emquanto que restam dispersos pela terra vegetam na ignorancia e pobreza. Mas á proporção que se approximam a sua condição se lhes suaviza. Estabelecem-se então entre elles communicações que dilatam e rectificam os seus conhecimentos. A permutação dos productos de que dispoem, permittindo-lhes a divisão do trabalho, lhes augmenta o podêr, e quanto mais as povoações se ajunctam e concentram, mais crescem em actividade e intelligencia.

É por isso que as sociedades devem ao estabelecimento das cidades todas as vantagens que teem alcançado. Nas cidades tende tudo a dar aos espiritos e aos braços um impulso vivo e fecundo. Um grande consummo para la chama as mais diversas industrias a irem augmentar as suas forças productivas; a accumulação das riquezas para la convida as artes a variar e aperfeiçoar as suas creações; as rivalidades de sangue, fortuna, e profissão, la excitam todos a tirar o partido que for possivel de suas faculdades; as cidades são o foco onde desabroxam todos os talentos, fermentam todas as actividades, todas as ambições cujo bom exito é assegurado pelo desenvolvimento da ordem social e a civilização não floresce senão a favor dos progressos que se fazem no seio d'ella.

Mas as cidades nem em todos os paizes acham as mesmas facilidades d'estabelecimento. Tudo a este respeito depende dos meios de subsistencia que disfructam as populações, e outra nenhuma coisa ha na terra menos distribuida com egualdade. Se ha paizes de admiravel fertilidade, tambem os ha cujo chão muito a custo retribue o trabalho dos homens, e ainda outros de uma esterilidade invencivel; d'aqui vem aos povos certas condições de existencia cuja diversidade deve differençar os seus destinos.

Como poderia a civilização, por exemplo, florescer nas vastas regiões proximas aos polos? Os cereaes não teem la tempo de amadurecer no intervallo dos invernos, e o homem apenas subsiste dos fructos incertos da caça e da pesca. D'este modo as povoações encarceradas n'este triste recinto não teem podido passar da infancia: divididas em pequenas tribus cuja actividade inteira apenas chega a preserval-as dos mortiferos rigores do frio e da fome, impossivel lhes é augmentar em número ou concentrarem-se n'um ponto. O seu proprio clima, que lhes não permitte outras occupações senão as da vida selvagem, é que as condemna á ignorancia, á fraqueza e aos soffrimentos.

A esterilidade de que padecem os extremos do globo ataca tambem uma parte das regiões do equador. Debaixo de uma atmosphera ardente de mais, a terra não se presta á cultura senão n'aquelles sitios em que a presença das aguas póde conservar a vegetação. Tanto como os valles são ferteis, assim o chão queimado dos montes é rebelde aos esforços dos homens. Em toda a parte, na do continente entre os tropicos, existem vastos espaços em que a difficuldade de obter colheitas previne ou limita a agglomeração de povoações.

Finalmente, sob qualquer temperatura, ha paizes em que a mesma constituição do territorio é sufficiente para atrazar todo o desenvolvimento social: n'esses paizes so a vida pastoral é possivel. Pelos montes immensos e frios da Asia central; nos desertos da Persia, da Arabia e da Africa, a terra não produz senão raras hervas ou çarças, e o homem não tem de que subsistir senão pelo producto dos rebanhos que pastorea, de logar em logar, em busca de poucas e magras pastagens. N'esses sitios ainda a civilização não póde apparecer. Não é no isolamento das familias ou das tribus que as hordas nomadas podem alcançar riqueza e sciencia Fechadas em estreitos confins de occupações uniformes, empenhadas em luctas continuas, estão limitadas ás poucas industrias reclamadas pelo seu genero de existencia. O mundo tem marchado em vão á roda d'ellas, debalde, por diversas vezes, teem ellas subjugado algumas nações agriculas, nenhuma das artes nem dos conhecimentos que ahi teem encontrado, e ainda mesmo alguma vez cultivado com bom exito em suas novas possessões, ha podido refluir e arraizar-se em seu proprio paiz: taes foram as raças scythicas em epochas mais antigas, taes são ainda hoje os povos que recolheram a herança d'ellas.

Não é porque não haja, de longe a longe, espaços cultivaveis nos paizes votados ao regimen pastoral, e até mesmo deixe de haver algumas cida es. Mas éstas cidades não são capazes de offerecer á civilização um asylo onde ella possa avançar em liberdade. Além d'essas poucas terras ferteis de que seus habitantes dispoem, estão as tribus errantes que os cercam e os tem como captivos, e muitas vezes lhes custa bastante a preservarem seus campos das assolações que incessantemente os ameaçam.

Este factos que acabâmos de mencionar mostram

quanta influencia exerce nas sociedades a natureza do terreno por ellas occupado. Sem abundantes colheitas, não ha cidades em que se possam reunir e subsistir grandes povoações, e sem cidades não ha progressos de nenhuma especie. Assim se explica o estado estacionario de muitos paizes. A civilização não floresce n'elles, porque a exiguidade das subsistencias constrange seus habitantes a permanecer disseminados por vastos espaços.

Mas um solo fertil só não basta para dar ás sociedades um impulso vivo e duradoiro. Se assim fosse, nos paizes meridionaes onde elle começou, teria a civilização crescido sempre. Os sitios d'esse solo por onde correm os rios são de incomparavel fecundidade; em outra nenhuma parte, de superficie egual, ha tam riccas searas. Aqui está porque, desde a mais remota antiguidade, as margens do Nilo e do Euphrates, os valles da India e da China, se cobriram de cidades onde o genio do homem lançou os primeiros resplendores. Mas ahi mesmo, a civilização não se pôde sustentar, começando tam brilhante e rapida; faltaram-lhe para se elevar a mais e mais os motores que só se encontram todos no simples facto da concentração de multidões numerosas.

Entre estes motores, o mais necessario, é uma posição geographica favoravel ao desenvolvimento do commercio. Todos os motivos que, no recinto das cidades, estimulam a actividade humana, são tanto mais energicos quanto as circumstancias locaes mais facilitam a circulação e exportação dos productos. Quanto maior facilidade teem os povos de permutar livremente o seu superfluo pelos objectos de que carecem, mais dilatam e aperfeiçoam rapidamente os seus trabalhos. A ésta causa de prosperidade estão junctas outras muitas. A opulencia torna-se com facilidade em partilha dos que desenvolvem mais intelligencia nas suas especulações, e como os capitaes que elles ajunctam, fieis á sua origem, refluem para a industria, elles a vivificam cada vez mais. Por outro lado, á proporção que se accumula a riqueza, as fruições que ella permitte, os gôstos elegantes e delicados que ella faz nascer, offerecem ás artes e ás lettras numerosas e poderosas animações. Ainda isto não é tudo: as relações estabelecidas entre os povos de differentes origens contribuem para a mutua instrucção d'elles. Nas viagens emprehendidas por motivos d'interesse, os commerciantes ficam admirados do espectaculo dos habitos, leis, usos, práticas industriaes, cuja novidade lhes prende a attenção; observam tudo com curiosidade, e os conhecimentos que importam no seu paiz natal fazem avançar n'este a civilização com passo mais seguro e firme.

As nações cuja situação geographica atraza ou restringe o commercio exterior, não brilharam nunca pela sua riqueza ou instrucção. Só reduzidas ás descubertas e ás luzes provindas de si mesmas, essas nações não podem instruir-se sênão vagarosamente, e seja qual for a abundancia de suas riquezas naturaes, a falta de mercados lh'as fará desprezar. O contrário succede com os povos cujas relações se alongam muito. A esses é facil apropriarem-se do fructo da experiencia extrangeira; as suas empresas acostumam-nos a contar com o futuro, calcular as diversas eventualidades, consultar dados numerosos, affrontar riscos; fazem-se intrepidos, previdentes, e os habitos intellectuaes e moraes por elles contrahidos asseguram o concurso da sua prosperidade.

Isto tem sido assim em todos os povos navegadores; porque ás vantagens annexas ao exercicio do commercio, se reunem as que são proprias da navegação, cujo alcance é immenso. A navegação não é só o mais commodo o menos dispendioso, e, na realidade, o mais seguro dos meios de communicação mercantil, é tambem uma arte cuja prática attrahe e reclama uma variedade infinita de conhecimentos. Ás nações maritimas não basta só saber alargar um porto, construir e equipar navios, ajunctar e dar vasão ás carregações; necessitam tambem cultivar as sciencias mais fecundas em instrucção, e os differentes esclarecimentos que precisam adquirir, as ajudam a utilizar todos os recursos que lhes podem ser proveitosos.

Por isso os povos navegadores raras vezes se teem contentado com os lucros do commercio de transporte. Ingenhosos, inventores, avidos de boa fortuna, teem cultivado todos os ramos de industria accessiveis a seus esforços, e debaixo de suas mãos habeis é que a agricultura e as artes mais teem florescido. No mundo velho, as manufacturas de Tyro e Sidonia não contribuiram menos para a opulencia d'essas duas cidades celebres que o grande número de navios. Athenas era afamada pelos seus artefactos de metal e coiro, por seus tecidos e moveis. Carthago teve trabalhadores e artifices de reconhecida superioridade. O mesmo aconteceu no mundo moderno. A partir dos tempos em que Veneza abastecia a Europa com os productos de suas artes, os Estados maritimos tem sempre feito marchar de frente o commercio e os poderes fabris. É porque todos os generos de actividade teem a mesma origem — as conquistas da intelligencia — e todos florescem de concerto onde essas conquistas se fazem com rapidez.

Em todas as edades conhecidas, tem sido brilhante o papel dos povos destinados a apparecer nos mares. Muitos d'estes, de humildes principios subiram promptamente á primeira ordem. Cheios de vida e de energia, nenhum perigo os amedronta, e ordinariamente o bom successo corôa as empresas superiores na apparencia ás suas forças. Ora enviam colonias a tomar conta de costas longiquas, ora extendem o seu imperio á custa de seus vizinhos, e sustentam lides porfiosas contra inimigos cujo pêso só parecia dever esmagal-os. Por mais restrictos que sejam os seus recursos, a habilidade com que sabem aproveital-os suppre a sua insufficiencia, e são os mais laboriosos na paz e os mais resolutos na guerra.

Sem os progressos completos dos paizes maritimos, certamente que a civilização não poderia ter adquerido o podêr de que a humanidade agora colhe os fructos. Hoje que a sciencia e a industria são patrimonio commum de todas as nações illustradas, e que não ha ideas nem conhecimentos que não circulem livremente de umas ás outras, as vantagens de que gozam os povos vizinhos ao mar já não são para elles uma causa directa de superioridade; mas nos seculos passados, quando a ignorancia existia ainda no mundo inculto e barbaro, essas vantagens eram immensas. Vede quantas provas o abonam. Nascida nos velhos imperios do Oriente, a civilização lá se adormecêra por falta de outros vehiculos que não fossem a fertilidade das terras e o commercio das caravanas:

foram os phenicios que a acordaram: quasi todas as invenções que lhe deram novo movimento foram d'elles. Depois os gregos deram-se á navegação, e assim que Athenas foi a sua metropole commercial, logo as artes e sciencias lá tiveram tam brilhante impulso que o seu esplendor não cessou de allumiar as seguintes edades. Coube a Alexandria ser o principal mercado do mundo, e logo as suas escholas se tornaram focos de luz. Assim tambem em tempos mais recentes em que o espirito humano se debatia tam penosamente no meio das trevas coadunadas pelas invasões dos barbaros, foi nos portos d'Italia que elle se reanimou e reconquistou o seu imperio. Finalmente, em nossos dias as nações mais florescentes não são ainda aquellas cujos navios mais numerosos sulcam os mares? Não é a ellas que toca a honra da maior parte das descubertas que mais teem contribuido para o podêr productivo do homem?

(Continúa.) (Traduzido de *H. Passy.*)

DAGUERREOTYPO.

(DESCUBERTA IMPORTANTE.)

656 Diz-se que um sabio francez acaba de fazer uma descuberta importante na photographia: parece que achára o meio de reproduzir pela machina consideravel extensão de terras. Affirma-se que elle póde daguerreotypar um panorama completo de 150 graus. O seu processo consiste em curvar a lamina metallica, e fazer gyrar por meio de certo mecanismo a lente que reflecte a paizagem. N'este gyro a lente faz passar por cima de um dos lados todo o espaço que se quer daguerreotypar, e faz mover, do outro lado o foco da luz refrangida sôbre a lamina, onde os objectos se veem successivamente reproduzir.

FABRICAÇÃO DE VIDRO.

657 As fabricas de vidro são bastantes em Portugal; mas ésta industria está ainda pouco adiantada entre nós, e longe por consequencia de podêr ser util e proveitosa tanto como podia ser. A REVISTA que não descança em promover, quanto está ao seu alcance, os melhoramentos de toda a natureza, para prosperidade pública, apressa-se a dar a receita de dois processos na fabricação de vidros, que porventura poderão ser com vantagem applicados em nossas fabricas. Eisaqui o que sôbre estes processos se le no *Memorial Encyclopedique:*

—

« Ha ja annos que na Bohemia e na Silesia se fabrica certa especie de vidro com o nome de vidro *alabastro*. A côr d'este vidro é um branco-leite transparente. A preparação d'elle é a mesma que serve para composição do cristal diaphano e sem côr; mas no momento da fusão da massa, toma-se ésta de qualquer modo e deixa-se esfriar: derrete-se então uma nova massa de vidro e deita-se-lhe aquell'outra fria, quando tudo está derretido trabalha-se a massa no menor grau de calor que seja possivel. »

—

« Se se ajunctar um pouco d'oxido de cobre ou vitriolo azul, a uma massa de composição propria para dar um vidro puro e limpido, ou cuja fusão seja tractada por tal modo que o vidro possa ficar assim, virá a obter-se um vidro azulado, atirando para verde. Mas se a fusão for tractada como acima se disse para dar o branco-leite, e lhe ajunctarem o oxido de cobre, teremos um vidro azul-ferrete. »

DO GUANO.

658 Hoje falla-se muito n'este adubio das terras assaz recommendavel e acceito nos paizes frios; mas ha muita gente que não sabe ainda o que seja o guano.

Guano é o nome dado pelos habitantes do Peru a uma substancia mineral de um amarello escuro, e de cheiro forte que atira para o do ambar. Ésta substancia existe em depositos de cincoenta a sessenta pés de grossura que são muito extensos. Julga-se que estes depositos foram formados pela accummulação de excrementos de grande multidão d'aves de antiquissima origem n'aquellas regiões.

As analyses chimicas do guano subdividem em duas especies ésta substancia do Peru, e teem descuberto uma terceira especie na Africa. Éstas tres especies de guano possuem uma composição analoga. Todas tres são soluveis n'agua. Diz-se que a acção do guano d'Africa é mais prompta sôbre a vegetação; mas a dos guanos d'America é mais persistente.

O guano compõe-se de saes volateis, taes como: oxalato d'ammoniaco, chloreto d'ammoniaco, carbonato d'ammoniaco e substancia organica-annimal combustivel; acido urico e humido; agua; phosphatos de cal e de magnesia; arêa; e saes alcalinos, principalmente potassa.

A enorme differença que se observa na divisão d'estas partes na composição d'estas tres especies de guano, explica sufficientemente os differentes resultados que se notam pelo emprego d'este adubio nas terras frias.

Diz-se que o guano applicado ás nossas terras de Portugal as escaldaria, pelo seu calor demasiado.

ZOOLOGIA DOMESTICA.

I.

O BOI E A VACCA.

659 Os animaes que se sustentam de herva são os melhores, os mais uteis, e os de mais estimação para o homem; o cavallo, o boi, a vacca, e o carneiro são do numero d'estes. O boi é tão forte, tem o pescoço tão grosso, as espaduas tão largas, o character tão tranquillo e tão soffredor, que parece ter sido feito de proposito para puchar o arado: por isso, o empregam quasi em toda a parte em rotear as terras e é com especialidade n'este trabalho que se póde dizer, que elle presta os maiores serviços. Ordinariamente é desde a idade de 2 ou 3 annos que os affeiçoam ao trabalho. Não é logo da primeira vez que elle se submette ao jugo, mas insensivelmente o acostumam levando-o com paciencia, docilidade e caricias, se o maltratarem em logar de se obter d'elle o que se deseja, fazem-no descoroçoar, e tornam-no mais indocil. O seu andar é pesado, seus passos vagarosos, mas iguaes, e abre profundos sulcos. Com o seu auxilio ára a terra o lavrador, e semeia o trigo, que depois nasce, espiga e produz, emfim, uma abundante colheita. Elle transporta os cereaes, pucha por pesados carros, e faz em summa, o que o homem, com toda a sua destreza e intelligencia, não poderia fazer senão com muito maior trabalho, e em muito mais tempo.

O boi tem o pé fendido, isto é, dividido em duas partes por uma racha. Tem duas pontas na cabeça, que são algumas vezes do comprimento de 30 polegadas, e éstas pontas engrandecem á proporção que o animal envelhece. Seus olhos são grandes e denotam bondade; as ventas bem abertas; e os dentes brancos e iguaes. A *papada*, isto é, a pelle que lhe cahe do peito, pende-lhe algumas vezes até aos joelhos. A sua cauda chega-lhe até ao chão, e na extremidade é guarnecida de um pêlo fino e basto. Vivem de ordinario de 15 até 16 annos: e alguns ha que pesam mais de 2,000 arrateis.

O boi resiste muito á fadiga; porém o grande calor, e o frio excessivo o incommodam. No verão costumam leval-o para o trabalho logo ao rasgar do dia; mas ao meio dia recolhem-no á arribana, ou o deixam pastar á sombra: nas outras estações aproveitam-no desde as 8 ou 9 horas da manhan até ás 5 da tarde. Commumente so se aproveita o trabalho do boi até á idade de dez annos, n'esta epocha engordam-no e vendem no, para servir de alimento ao homem. A sua carne cosida n'agua produz um caldo excellente; e assada ou em bifes é deliciosa: prepara-se de differentes modos; usa-se d'ella fresca ou salgada, e até se defuma para a conservar.

Ainda que o boi seja naturalmente soffredor, e de character tranquillo, comtudo quando se espanta, ou enche de terror nada o contém: corre com toda a velocidade de que é capaz, derruba tudo que encontra na sua passagem, e não pára senão quando está desfallecido de cançado. Excepto n'este caso, em tudo o mais é tão pacifico que basta uma mulher ou um rapaz para pastorear uma numerosa manada d'elles.

Os melhores bois de Portugal são os do Minho, por causa das excellentes pastagens que tem ésta provincia. Tambem ha magnificos bois em França, na Suissa, Belgica e Inglaterra.

A vacca parece-se muito com o boi: tem a mesma docilidade, instincto e boas qualidades. Se bem que muito menos forte, tambem a empregam algumas vezes na lavoira; mas no que é mais prestadia ao homem é no leite que abundantemente lhe fornece.

O boi e a vacca não são animaes vorazes; comem so o que lhes é mister para as suas precisões. No inverno sustentam-nos com feno, palha, alguma aveia, e farello; no verão, levam-se a pastar, e da-se-lhes herva fresca, lucerna verde, herva vaqueira, anafa etc. tambem comem folhas de freicho, alamo, e carvalho, de que gostam muito; mas são-lhes nocivas se as comem em grande quantidade. Estão mais fortes quando se sustentam de feno secco, do que quando comem so herva. Gostam muito de vinho, de vinagre e de sal; e devoram com avidez salada bem temperada. Estes animaes comem depressa, e tomam em pouco tempo todo o alimento de que necessitam: depois d'isto deixam de comer, e deitam-se para remoer, isto é, para digerir e fazer passar os alimentos para os seus quatros estomagos. Costumam quasi sempre deitar-se sôbre o lado esquerdo.

Em todas as estações se podem engordar; mas prefere-se o verão, porque então ha mais meios de lhes dar alimentos succosos, e em abundancia. Quando se querem engordar suspende-se-lhes o trabalho; misturа-se-lhes um pouco de sal no comer, que os faz beber e excita-lhes o appetite, deixam-se remoer e dormir na arribana, no tempo dos maiores calores; e no fim de 4 ou 5 mezes estão de tal sorte gordos que lhes custa a andar.

Por mais gorda que seja a vacca, a sua carne é sempre secca, e menos estimada que a do boi, mas tambem se faz grande gasto d'ella.

[Do Francez.]

MORAL CHRISTAN.

DEVERES DO PAROCHO.

660 Os parochos são obrigados a ensinar ás suas ovelhas (fallâmos com toda a classe de ecclesiasticos, que tem obrigação de curar almas) puras, e verdadeiras doutrinas, administrar-lhes os sacramentos, consola-las nas afflicções, reprehende-las nos escanda-los, exhorta-las á virtude, amparar os pupillos, soccorrer os pobres, não serem ambiciosos; e os que tem jurisdicção mais larga, não convertam as chaves de Pedro em espadas de Nero; porque os prelados sempre soffreram as perseguições dos tyrannos, e não devem perseguir como verdugos.

Devem tambem ser zelossimos do culto Divino, para exemplo dos subditos, vigilantes nas obrigações pessoaes, rogar ao Senhor Deus dos Exercitos pela felicidade do seu rebanho, para que lhe aproveite o pasto espiritual, e zelar igualmente a salvação das almas todas.

Observadas d'este modo as obrigações da religião, haverá fidelidade, paz na igreja, e união na sociedade politica.

O Abbade Castro.

O CONCURSO NA 'ESCHOLA MEDICO-CIRURGICA DE LISBOA' PARA O LOGAR DE DEMONSTRADOR D'ANATOMIA DA MESMA ESCHOLA.

661 Nada ha tão agradavel como o ter de referir factos, que honrem ésta terra que tão vivamente amâmos, e que colloquem os nossos estabelecimentos scientificos ao nivel dos mais acreditados do mundo civilizado. O concurso que teve logar na 'eschola medico-cirurgica de Lisboa', desde o dia 12 até ao dia 19 do corrente, para o provimento da demonstração de cirurgia, foi uma continua victoria da nossa illustração, alcançada com as mais brilhantes provas sôbre a detracção malevola de escriptores ignorantes e perversos, que parecem apostados em fazer-nos passar por um povo semi-selvagem! Foi ainda um documento authentico dos fructos eminentemente proveitosos, que o paiz ja vai colhendo d'esta academia, que contra tantas difficuldades tem luctado desde a sua origem! Um tal certame litterario foi sem replica um motivo bem capaz de excitar o orgulho d'uma corporação, cuja modestia incommensuravel é a prova mais evidente da sua sabedoria e da sua utilidade! Que nome distincto, que reputação medica ha ahi, que a 'eschola medico-cirurgica de Lisboa' não conte no gremio dos seus professores? E comtudo, este estabelecimento tão ricco de sciencia, tão cheio de characteres illustres, abandona todos esses meios que se poderiam taxar de orgulhosos, para se fazer acreditar dentro e fóra do paiz; e apresenta unicamente provas reaes, como as d'este concurso; como que desafiando as corporações rivaes para este campo, unico onde se gladiam os homens da sciencia! Honra portanto ao

corpo cathedratico, honra aos alumnos, que de ta modo sabem vingar-se da pouca cortezia com que por mais d'uma vez hão sido tractados.

No primeiro dia do concurso leu o Sr. Farto da Costa, que o fez com aquella decencia e methodo proprio do prático, que ha bastantes annos deixou os bancos da eschola, e se entregou mais positivamente ao trabalho clinico.

Coube o segundo dia ao Sr. Vianna, e é mister confessar, que custa a conceber como em tão curta idade se póde possuir tanta sciencia, mormente no serviço prático. A sua licção d'anatomia mostrando por uma feliz ingecção o curso da arteria ophtalmica, teria sido interrompido repetidas vezes por acclamações de louvor, se os nossos estilos academicos o permittissem. Da sua licção operatoria nada diremos, porque quem tem o seu credito estabelecido como operador; assim como o tem o Sr· Vianna, não precisa de ir firmal-o a um concurso sôbre o cadaver: a eschola fez-lhe justiça.

Veio apoz este o Sr. Arnaut, a sua dissertação foi cheia de considerações práticas; e o anatomico que tinha consummido longos annos sôbre o cadaver no theatro anatomico não podia deixar de ser um bello contendor de seus collegas: a sua licção prática, que representava os musculos da parte posterior do tronco assimilhava-se a essas magnificas pinturas do atlas de M. Cloquet: o illustre candidato percorria os orgãos do corpo humano, como M. Listz corria pelas teclas do seu pianno.

Seguiu-se pela ordem de antiguidade a este o Sr. Albino, com quem a Beira se deve ufanar! O distincto alumno d'esta eschola, além de pos uir uma bella presença, e uma phisionomia insinuante, teve a destreza de junctar á severidade e aridez das sciencias exactas os incantos da dicção e o sublime do estilo: a sua dissertação foi um modêlo de eloquencia, e de sciencia; o Sr. Albino não é um cirurgião, é um verdadeiro naturalista e de ingenho pouco vulgar! Prosiga elle na laboriosa tarefa dos estudos práticos; e quem haverá depois que possa, ou queira competir com elle? O conselho escholar não foi indifferente a tanto saber em tão verdes annos.

O Sr. Arantes foi o penultimo dos concorrentes que leu; e apezar da voz pouco sonora, de que a natureza o dotou, as suas licções, continham bastante clareza e methodo: podêmos asseverar ao Sr. oppositor, que nem a eschola, nem o alumno tem de se arrepender.

Fechou o debate o Sr. Furtado, talvez o homem, que entre nós conhece melhor a anatomia comparada, possuindo d'uma maneira admiravel a arte de dissecar; quem veria sem espanto os nervos hypoglosses, glosso-pharingêo, e vago, descuberto pelo celebre anatomico desde a sua origem até á sua mais recondita terminação?

A eschola sentida por não ter mais logares a fim de recrutar para o seu seio alumnos de tanta esperança, preferiu o Sr. Vienna, que espera apenas a confirmação do govêrno, para ir com o seu estudo, applicação e saber, ajudar a firmar mais o credito d'um estabelecimento, a quem sinceramente felicitâmos pela gloria que lhe cabe d'este concurso, e pela aquisição de tão eximio professor.

* *

PARTE LITTERARIA.

—

ESTADO ACTUAL DA LITTERATURA EUROPEA.

I.

662 A litteratura é, debaixo de todos os aspectos, uma consequencia immediata e inevitavel do espirito que inspirou aos povos o philosophismo do seculo XVIII. O genio pereceu ás mãos do materialismo, porque não ha genio sem enthusiasmo e por conseguinte sem convicções e crenças. Por outra parte, desprovido de todo o principio moral e religioso, não deixou á sociedade mais vinculo do que a politica; e nada é mais proprio do que a politica para adormecer a imaginação e seccar a fonte dos affectos. E assim deve ser. A sciencia do govêrno dos homens tem principios exactos e consequencias rigorosas confirmadas pela experiencia historica. O seu estudo deve fazer-se exclusivamente com o raciocinio, e desgraçado d'aquelle que na theoria ou na prática d'esta sciencia, der logar a paixões ou a voos da phantazia. Não executará senão desatinos; não fará senão commetter erros funestissimos.

Demais, a politica que prégava aquella seita philosophica era dissolvente: com o titulo de reformadora aspirava a destruir tudo o que existia, sem duvida com o intento de levantar sôbre as ruinas do edificio social que então havia, outro, que apezar de haver amassado os seus materiaes com tanto sangue e tantas lagrimas, ainda não sahiu dos alicerces. Como poderiam os animos convidados á reforma do mundo applicar-se ao ameno e aprazivel estudo das lettras, á pacifica contemplação da belleza ideal? A reforma achou, como era de esperar, opposições: a guerra civil e extrangeira attrahiu as attenções para os campos das batalhas, para as phases politicas que a victoria e a fortuna produziam nos povos. Sería ésta occasião opportuna, ou theatro a proposito para os sublimes raptos do génio?

Ja M.me Stael se queixava, em principios do presente seculo, da falta absoluta de inspiração que se notava nas producções do seu tempo. Affectava-se então o grandioso e o sublime; mas so havia intumecencia e phrases sonoras. Foi tal a desventura dos tempos que o capitão mais illustre da historia, e o genio politico porventura maior, não achou comtudo quem dignamente o cantasse, e de tal modo que seus versos egualassem a immortalidade do heroe. Não é d'extranhar: para cantar é mister fe, e não a havia nas obras d'aquelle homem extraordinario. A experiencia justificou o cauto temor das mussas. Um momento infeliz derribou aquelle podêr collossal, de que so ficou o nome. Mas esse nome vivirá tanto como o genero humano.

Horacio olhou como contrarios ao genio os excessivos prazeres dos sentidos, e os cuidados excluisvamente consagrados ao augmento ou conservação dos bens da fortuna. Ninguem negará que teve razão. Os prazeres sensuaes enervam o vigor da phantazia, e embotam a sensibilidade do coração; e o amor exclusivo do dinheiro destrue sem esperança todos os sentimentos generosos e sublimes. Uma alma corroida por qualquer d'estes vicios, sensualidade ou avareza, achar-se-ha em disposição de se

entregar á contemplação da bella natureza, e ao estudo das suas relações e harmonias? Pois bem; a phylosophia do seculo XVIII, demolindo pouco a pouco todas as illusões, todas as ideas, todos os sentimentos do coração humano, e não dando ao homem outro destino senão o de buscar os seus bens materiaes, e por conseguinte o dinheiro, que os representa a todos, deu necessariamente um golpe mortal no genio, e fel-o incapaz de conhecer e reproduzir a belleza.

A politica tem e deve ter por unico objecto o bem estar material dos associados. Assim o disse Bossuet, um dos maiores genios que teem existido no mundo, e o governo deve deixar a cadaum os meios de procurar a felicidade moral, intellectual e poetica, quer no estudo ou prática da litteratura e das bellas-artes, quer no conhecimento das sciencias, quer no exercicio da virtude. O govêrno não póde influir senão de uma maneira muito indirecta nas sensações interiores ou individuaes dos cidadãos. A sua acção directa é puramente material. Mas quando todos os homens são chamados ao estudo das combinações politicas, quando até a este o convida uma ambição honrada e o desejo de fazer bem á sua patria, as almas cheias de ideas d'ésta ordem, que tem de ser materiaes por necessidade, mal poderão viver habitualmente no mundo da imaginação, que é o dos poetas.

O amor, pois, da sensualidade, a cubiça e a politica, teem contribuido sobre modo a apagar o fogo do genio. É mister confessar, comtudo, que apezar de todos estes principios contrários aos progressos da litteratura, teem existido e existem ainda almas privilegiadas, sensiveis á voz do enthusiasmo. Mas ainda n'isto se deixa sentir a funesta influencia do seculo, d'este seculo de ambição tam presumptuosa como precipitada. Quando se hão destruido todos os motores moraes que influem no coração humano, não fica mais que um, que é a ambição do mando, ou da glória, ou talvez de ambas. As revoluções teem ensinado como se adquire em breve tempo grande fortuna; como se sóbe ás grandes dignidades; como se obtem muita nomeada. O espectaculo d'estas grandes mudanças da sorte, sempre presente á vista dos homens, exalta facilmente a phantazia dos que sentem em si mesmos a sufficiente energia para entrar n'esta carreira de anciedade e progresso. Augmenta-lhes este impulso as numerosas occasiões que se apresentam em tempo de calamidades publicas de fazer serviços á patria nos diversos ramos da administração. Nós fallâmos so da ambição *honrada*, porque é essa a unica que em nosso intender póde ter cabida em almas generosas.

Ésta ambição passa agora como por contagio das classes consagradas aos empregos públicos, ás dos artistas e litteratos. O desejo de distinguir-se e sobresahir os devora: e este desejo os aguilhoa a apresentarem-se e receber applausos, antes que seus genios tenham chegado a perfeita madureza. Felizmente para a pintura, esculptura e musica, não póde prescindir-se n'estas artes de um tirocinio necessario, do estudo das fórmas dos objectos, dos effeitos da prespectíva, das cores e dos sons; estudo que exigindo algum tempo obriga o genio a refreiar o seu ardor prematuro de gloria, a concentrar-se em si mesmo; a reconhecer as suas fôrças, a aprender o uso d'ellas. Infeliz poesia, para cujo exercicio não se necessita mais do que papel, tincta e penna! A mais bella das artes póde impunemente ser violada por qualquer atrevido que o intente. Ésta triste facilidade faz com que apenas se sabe compor um verso, se apresente em qualquer das numerosas reuniões litterarias um enxame de mancebos, capazes algum dia de honrar a patria com seu genio bem dirigido; mas que ao tempo de escreverem os seus primeiros ensaios, publicados com tanta precipitação, não pódem ter nem o devido estudo do seu idioma, nem a correcção e lima necessaria nas obras de genio, nem o conhecimento prático do homem e seus affectos, nem, finalmente, a multidão de ideas philosophicas, que tam presentes tinha Horacio quando chamava á sabedoria 'o principio e fonte de escrever bem', e remettia seus alumnos para a leitura de Socrates.

Ésta objecção porém a salvam elles facilmente dizendo que o poeta não precisa de estudos, porque sahe inspirado do seio materno: que ésta inspiração suppre a falta de conhecimentos; que o poeta, emfim, deve cumprir a missão *mysteriosa* de que foi investido, e que não deve deixar de poetar desde que se sente com disposições para isso. Em vão se lhes replicará com a auctoridade de Aristoteles, Horacio e Boileau. O que é para elles a auctoridade? Este desprêso para tudo que meditaram os nossos maiores, é outro resultado do que se deve á seita philosophica do seculo passado.

Na verdade, não seremos nós que concedamos tanto ao principio da auctoridade, que queiramos applical-o em toda a sua rigidez ao estudo das humanidades. Antes porém de sacudir o seu jugo, convem examinar os preceitos, ver se estão ou não conformes com a razão philosophica propria da sciencia, estudar os modêlos, conhecer e sentir as suas bellezas e defeitos. Será isto o que faz hoje a nossa mocidade, que desdenha as linguas sabias e o idioma patrio, e que vai buscar aos poetas francezes do tempo os circumloquios de que usam em suas composições?

(Continúa) *D. Alb. S. e Aragon.*

SAN'JOÃO BAPTISTA.

LENDA.

663 As recordações de quando eu era pequenino são ja hoje para mim um prazer amargo — uma pena deliciosa, que me estremece todo o coração. Por isso folgo muito de ir registrando o que me lembra d'aquelles descuidosos tempos de innocencia, que me fazem derramar lagrimas de saudade, so em pensar que não tornarão ca mais. Deixar-me começar contando uma historia, que estou mesmo pulando por isso, a qual se me pegou aos bicos da penna, so porque se me pregou á muito na caboça uma reminiscencia, vaga como todas as lembranças dos annos em que a gente pensa pouco, ou nada, e por isso é feliz; mas certa e fixa, d'estar uma velha muito velha, assentada defronte de mim, psalmodeando-m'a no noite de San'João, em quanto se não accendia a fogueira. — Ja la vão onze — onze annos! — passados sôbre as douradas horas d'esta sempre saudosa noite!..

Pois é comeffeito uma historia, a tal que so tem de máu o saberem-n'a quasi todos de cór e argumentada, do mais é muito verdadeira, e muito sisudinha, quando não, nem a boa da velha a contava

nem eu a repetia. O assumpto é d'estes, que enchem a medida dos desejos d'um auctor dramatico: — não se me dá mesmo de apostar que tem capacidade para grangear-lhe as palmas do nosso real Conservatorio. Agora dado o caso de que o auctor tenha mão de mestre, e dedo de gigante para introduzir no enredo uma dança pyrrhica, com a sua infallivel musica marcial, uma ou duas scenas de vivorio e gritaria, para desafiar sensações nos ouvidos dos expectadores, e outras duas de galanteios, e furias apaixonadas, tem alcançado uma approvação official, a sancção unanime das *notabilidades* intendedoras d'esta nossa pobre, mas boa terra, e sôbre tudo as coroas e os bravos do respeitavel público n'esta vida, e na outra os monumentos da posteridade, e a mansão dos bemaventurados pobres d'espirito. Quem se lhe figurar isto demasiado, saiba que o tal assumpto é a lembrança cruel que teve a filha de Herodias, de pedir n'umas festas mui lusidas em que estava, a cabêça do sancto Baptista para prato do meio dos seus prazeres.

Ora o costume que tinha o demo da velha, costume diabolico, que agora me faz uma zanga muito grande, era o de não definir as situações. De fórma que contava-me a historia por exemplo do gran'Magriço — uma das que ella achava mais proprias para interter-me, e aos rapazes que se ajunctavam alli a ouvil-a; mas dizia-no-la toda em palavras vulgares do seculo actual: — as que ella sabia! Seguiu-se d'aqui o grande inconveniente de que a presente historia, que ella me devêra ter dito em linguagem judaica, porque judeus eram os personagens d'ella, judeus os seus usos e costumes, fiquei-a sabendo so em portuguez! e então que portuguez! que se falla por ahi a canto, e todos o percebem!.. Que te importaria a ti, minha velha, que eu não intendesse o que dizias? Como litterata que eras, pois para isso bastava que

> Mil contos e historias sabias,
> E mil trovas bonitas de lei

corria-te obrigação de *educares* a minha *ignorancia*, e não subjeitares-te a ella, que assim se pratica n'este nosso seculo, e por isso graças a éstas e outras africas que se fazem, fica-se para todo o sempre cercado d'uma aureola de gloria, e os vindouros ao acabarem de ler alguns dos taes gloriosos nomes curvarão a cabeça repetindo o — *qui fecerit, et docuerit, hic magnus vocabitur in regno caelorum*.

Não ha remedio senão ir tambem uma pessoa fazendo as suas diligencias para ver se alcança não digo uma aureola luminosa; mas quando mais não seja, um resplandorsito. La porque a palmeira campêa altiva no deserto, não se segue que a grammasinha rasteira deixe de nascer, e crescer no povoado.

Vai pois o nosso, ou antes o conto da velha — na tal linguagem portugueza, em que geralmente se escreve, e á qual mesmo por isso tenho certa quijilia invencivel, porque embirro, e n'isto sigo *opiniões respeitaveis*, com tudo o que se usa muito. Mas n'este caso presente, que lhe heide eu fazer? Estas taes contradicções, e outras derrotas, que estou soffrendo, é que me finam e amofinam, e afinal de contas mais hoje mais amanhan vem a dar cabo de mim.

Digamos agora a historia, que fallando a verdade ja ia tardando, peço porém, que me não critiquem por esta causa, que bem me basta o meu mal.

O Baptista vivia, como se sabe, no deserto a sua penitente vida: — sahia d'alli levado unicamente do pungente estimulo de plantar a fé nos corações farizaicos, que tão bastos eram n'aquella epocha, e n'aquelle sitio. Por similhante causa trocára elle o socego da sua alma, e o da erma solidão que habitava, pelo dessocego da corte, — pelo tormento, e perigos d'uma corte, como era a de Herodes; — d'este tyranno fero na condição, devasso nos costumes, que tornava, como quasi sempre acontece, feros e devassos todos os que o rodeavam. Bem sabia porém o Sancto com quem tinha a pelejar. Mal não era chegado á cidade ja grande parte dos seus ouvintes mais pareciam creados aos peitos do seu exemplo e doutrina, que testemunhas continuas, e muitas vezes companheiros, ou instrumentos, da crueldade do principe. Sendo chamado á presença d'este, o mesmo foi vê-lo que entrar na sua privança! D'ahi começou a apertar vivamente aquelle coração de bronze com muitas e pesadas razões sôbre o máu estado, em que estava com Herodias, a olhos e face do mundo, de mais a mais sendo ella, como era, mulher d'outro, e esse outro um irmão do proprio Herodes. Cuidavam todos que assim apertado se desatasse de seus descomedimentos, assim como, ainda em nossos dias, vemos a algumas creaturinhas racionaes, sem serem Herodes, indignarem-se todas por alguem ter a *insignificante audacia* de criticar as suas obras. Não succedeu porém assim. Começou aquelle penedo, requeimado, e brunido de tantos soes e tempestades, a abrandar, e estou que chegaria a amollecer, se não fôra entrar a doer o cabello á adultera, que logo por artes do diabo teve quem tudo lhe mexericasse tim tim por tim tim. Façam idéa como não ficaria ella quando tal soube! Foi — o Senhor me ajude — assim á imitação de um thesouro de polvora occulta ao chegarem-lhe o cordel acceso: como d'este rebentam globos de impetuosas lavaredas, que figuram o ventre mais profundo das infernaes cavernas, assim do peito da amaldiçoada rompeu uma precipitada represa de vituperios, de vilezas, de testemunhos falsissimos, contra João, que não lembrariam a um auctor assanhado contra os seus censores, ou que mesmo esqueceriam ao proprio satanaz em pessoa.

O caso é que o Sancto foi desde logo encerrado na estreiteza d'um carcere, por signal dos mais medonhos da fortaleza de Macheronte. E não era ainda assim começada a saciar com isto a sangui-sedenta sanha da Herodias, que, — dizia a minha velha, — na real verdade

> A vingança é o prazer do homem,
> Da mulher é o seu manjar,
> Assim perdoa elle e vive,
> Ella não, — que era acabar.

E d'ahi punha-se ella então a cantar, ou, melhor direi, a regougar as coplas d'aquelle tão viçoso, e tão lindo romance, — Mira-gaia, — da fórma, que «n'outro tempo» dizia ja ella, «as resava o povo da sua terra!»

(Continúa.) *J. M. Campélo.*

POESIA.

—

A ALCACHOFRA.

664 Gentil alcachofra
Que doces esp'ranças
Com gratas lembranças
M'estás a florir!

A mão delicada
Qu' á luz te queimou
Inda vendo estou...
E a dona a sorrir!

Queimou-te e fugiu
Travêssa menina...
Ficas-te mofina,
Tisnada, a carpir.

Mas eu apanhei-te,
E os labios mimosos
Da cruel, pressurosos
Te fiz esculpir.

Guardei-te ancioso,
Tambem te beigei...
Ufano te olhei,
Senti-me languir.

Ficas-te-me n'alma;
Em sonhos te vi;
Vi mais do qu' a ti...
Não pude dormir!

Com ancia te busco
Viçosa te vejo...
Será so desejo
Quem te fez florir?

CANTIGAS A SAN'JOÃO.

665 D'uma obrinha que possuimos, escripta por um padre que perigrinou á Terra-Sancta, e no qual nos conta tudo o que n'ella passou, extractamos ésta poesia, que cantaram, diz elle, os homens da náu, em noite de San'João. E muitas outras, porventura de um estylo mais proprio das folias populares, poderiamos d'esse mesmo livro para aqui agora copiar mas porque ésta pertence á semana em que estamos lhe démos a preferencia, que por outro titulo não merecia.

São os tonilhos, motetes, voltas, loas, chacotas, rimances, chacras, e tantas outras diversidades de cantares com que o povo costumava folgar nos cirios, romarias, vigilias, serões á cruz etc. um genero de poesia bem pouco conhecido, mas que bastante parte d'ella tem subido merecimento, que pena será deixar-mo-la perder de todo.

Vá por hoje o seguinte, e opportunamente fallaremos largo da poesia religiosa em Portugal, e de sua influencia moral e litteraria, de sua valia como tradição para a historia.

Baptista ao leme
Anjos a cantar,
Larguemos a vela
Para navegar.

É sabio o patrão
Que assim manda a via,
Vem ao galeão
Todos á porfia.

Ledos e contentes
Para se embarcar,
E tudo está lestes
Para navegar.

Galeão fermoso,
E bem artilhado,
Em tudo lustroso,
Em partes doirado.

Quem póde temer,
Ou arrecear?
Ja se faz á vela
Para navegar.

Pois não teme guerra
Na terra, ou no mar,
Por mar, e por terra
Póde caminhar.

Vae esta náu bella
Ao céu demandar,
Larga, larga á vella
Para bolinar.

Doirado farol,
Doirada bandeira,
San'João é o sol,
Norte da carreira.

É náu de alto bordo
Não póde remar,
Tende logo a corda
Para velejar.

Baptista ao leme
Anjos a cantar,
Larguemos a vela
Para navegar.

ESPECTACULOS.

—

THEATRO-NACIONAL — CIRCO-LARIBEAU.

666 Uns taes Mrs. Kiischnig, de Londres, havendo feito com seus jogos a admiração de Londres e Paris (admiraram tanto que nenhum jornal, ao menos dos que eu vi, e mais não vejo poucos, fallou nunca n'elles), quizoram tambem vir fazer a admiração de Lisboa: e comeffeito a escala ascendente é ésta, —Londres, Paris e Lisboa. Como quer que seja, quem

agora governa no Theatro-nacional, que eu nunca soube e ainda menos sei hoje, se é a commissão-inspectora, se o Fiscal, se a direcção da sociedade, se tudo juncto, quem la governa emfim, não quiz deixar perder tam boa occasião de pôr os portuguezes de bocca-aberta; e como na verdade o theatro de D. Maria II é o theatro das raridades, agarraram n'esta e la a foram repartir aos bocadinhos nos entreactos de uma peça de declamação! De modo que a arte se confundisse bem com o funambulismo, e os artistas se misturassem todos com as rans e os macacos.

Pena foi que em vez de uma traducção se não désse n'essa occasião alguma peça do Sr. Garrett, ou ainda a Nova-Castro, para que a par d'algum bom verso d'esta e da excellente prosa d'aquella, nos soasse melhor o coaxar d'aquelles reptis, e ao lado de uma actriz em posição tragica vissemos com mais gôsto um mono a macaquear bugiarias! Teem razão: éstas novidades attrahem mais gente, e a arte prospera mais por virtude do ferrão do pião monstro do Sr. Eduardo, do que pelo estudo do Sr. Epiphanio! Quem não voltará a cara á Sr.ª Emilia n'uma scena do *Retrato-Vivo*, para ir fitar os olhos n'um trampolim gymnastico que foi executado deante de S. M. a rainha da Gran'Bretanha!

Mas o caso é que para vermos a *serpente de Java* ou a *arvore do paraizo*, mui bem as viamos nós no Circo-Laribeau, sem ser necessario gastar os taes trezentos contos n'um theatro de marmore e oiro. Pois a *bola* não se joga bem em qualquer canto d'uma horta ou saguão de um armazem de vinhos? não atiram os rapazes o pião por essas ruas? não se veem em todos os largos as creanças a dar cambalhotas? para que é preciso incommodar architectos e pintores, esculptores e doiradores, machinistas e aderecistas, e gastar o dinheiro á nação para se ver isso?

Triste documento dão de si na verdade os artistas, se reconhecem e apregoam, que elles não teem podêr, nem merito, nem esforços, nem habilidade, para attrahir per si sós a concorrencia publica, e que é mister recorrer ás charlatanisses de um saltimbanco, para haver gente no theatro! Se isto é verdade, então mandem-nos a elles para casa, tire-se-lhes o theatro, negue-se-lhes o subsidio, porque o publico não quer nada com elles! Não se escrevam mais peças, avente-se com a arte ao demo, e viva o *forcado de Plutão* e os *antipodas* do Sr. Guilherme! Custam muito menos a sustentar, e poderemos vel-os por quaesquer seis vintens.

E o regulamento de 30 de janeiro a gritar que o theatro de D. Maria II 'fica exclusivamente destinado para a *fundação do theatro portuguez*, e que tem por objecto *promover o aperfeiçoamento da arte dramatica; servindo d'eschola normal para a formação de bons actores.*' Ora, e quem negará que o theatro portuguez se deva fundar dançando a polka de pés para o ar; que o aperfeiçoamento da arte dramatica se alcança a dar cambalhotas; e que a eschola normal de bons actores são as deslocações de um clown, as momices de um palhasso, e os saltos de um macaco! Muito é para sentir que Frederico Lemâitre, ou Macready, Lombia, a Mars ou a Rachel, não venham ao primeiro theatro de Portugal aprender n'esta nova eschola de declamação prática, estabelecida por um decreto com auctorização do parlamento no theatro de D. Maria II! Aquella rara enorme vista á luz de um lustre brilhante de cristal com azeite filtrado, aquelle nogento macaco reflectindo nos custosos espelhos da tribuna-real, no meio de pannos pintados pelo Srs. Rambois e Cinati, debaixo de tectos do pincel do Sr. Fonseca, oh! que realce não dão a todas essas magnificencias tam bem empregadas! Ha em tudo isto um ridiculo tam relevante e irresistivel, que por mais serias que sejam as considerações que o assumpto suscita, a gente não póde deixar de rir...

O Circo-Laribeau recomeçou na noite de 17 o curso de seus exercicios equestres. As sympathias publicas não foram retiradas ao Circo pela sua excursão ao Porto: vê-se a mesma concorrencia, as pessoas d'alta sociedade, que hoje veem, como d'antes, abrilhantar o complexo de suas representações. O habil director e alguns mais da sua companhia, foram recebidos com applausos. O Sr. Bontemps trabalhou perfeitamente; a sua firmeza sôbre o cavallo, a certeza de seus saltos, são sempre do melhor effeito. A scena entre o Sr. Coghi e o Sr Bontemps, é tambem uma das melhores coisas que se podem ver no Circo. Depois vem o cavallo Phenix, cujo ensino dá muita honra ao Sr. Laribeau: a engraçada Emilia radiante de belleza e mocidade, ganhando em cada sorriso mil applausos: o admiravel menino Lèon, trabalhando sôbre quatro poneys em pêlo, e por fim a sua vistosa carreira dos cinco poneys, torneando a toda a brida no meio dos estrondosos applausos dos espectadores. Ainda outra novidade nos dá o Circo, um moço portuguez, executando ja com habilidade, os exercicios sôbre a escada dita de mão-quebrada, que viramos pelo inglez William.

A companhia está alguma coisa diminuida de como primeiro a vimos; mas em compensação diz-se que o Sr. Laribeau projecta a construcção de um pequeno theatro, no fundo do seu Circo, com o fim de dar algumas representações que assim o demandam, entre ellas o salto da montanha por um cavallo. De resto ha tal regularidade e boa direcção nos espectaculos do Circo, está o publico tão certo de achar perfeitamente executado o que alli se lhe apresenta, que concorre sempre gostoso e sahe satisfeito. Tal é o segredo da habilidade de conduzir bem um estabelecimento d'aquella natureza!

VARIEDADES.

CORRESPONDENCIA.

667 *Sr. Redactor da* REVISTA. — Como no 'Periodico dos Pobres no Porto' de 26 do mez passado, se falla ácerca de uma carta que recebi de Mr. A. Thiers, deputado e membro do instituto de Paris, enviu a V. a traducção da mesma em portuguez: rogando-lhe se sirva inseri-la no seu periodico, afim de que o publico conheça o conteudo d'ella: verdade é que muito préso a correspondencia d'este illustre sabio, digna de todo o apreço, lembrando-me que será obra de algum refinado invejoso, o mais que se avança n'aquelle periodico.

Fico sendo etc.

O Abbade de Castro.

Em 20 de junho de 1846.

Paris 15 de fevereiro de 1846. — Sr. — Recebi a vossa obsequiosa carta, a qual vinha acompanhada das duas preciosas Brochuras, que tractam da sumptuosa igreja de Belem. Foi muito o que admirei n'aquelle monumento, muito o que desejei saber da sua historia: por quanto as investigações archeologicas são do número das occupações em que gasto a vida: assim, feliz me considero por me offerecerem os vossos escriptos parte do que eu ambicionava. Obrigado me reconheço pela dadiva, a qual veio satisfazer um dos mais vehementes desejos que tive em Lisboa.

A obra torna-se tam interessante pelo assumpto, quanto elegante pela fórma: ella duplica o meu sentimento de não ter podido cultivar o vosso tracto quando passei por essa capital. Conto ser de futuro mais afortunado; ou em França, se por acaso aqui vierdes, ou em Portugal se eu ahi voltar, o que espero e desejo.

Acceitai, Sr. os protestos da mais alta consideração. — *A. Thiers*, deputado, membro do instituto.

CORREIO EXTRANGEIRO.

668 O govêrno francez concedeu privilegio para o estabelecimento de um Theatro real na praça principal d'Argel. Actualmente existe ja em Argel uma salla de espectaculos, porem lá muito para o interior da cidade e de quasi nenhuma importancia. A nova sala deve ter um aspecto monumental e poderá servir para se representar n'ella tragedias, comedias, e operas segundo fôr vontade da direcção.

Nas Duas-Sicilias em todas as casas d'asylo, as creanças, além do ensino usual, apprendem a fazer os seus vestidos e calçado; que são por ellas estreiados no comêço de cada inverno.

Diz-se que a Siberia contém tammanha quantidade de oiro, que se espera que a descuberta d'este precioso metal hade occasionar uma revolução financeira na Europa, como a que produziram as minas do Perú. N'estes últimos quatorze annos o producto das minas da Siberia augmentou na razão de 1 para 200. Onze mil pessoas teem sido empregadas diariamente na lavagem do mineral, e podiam ser empregadas tres vezes mais se fosse possivel achar mais quem quizesse este terrivel trabalho. Ésta falta de braços é o unico obstaculo á maior extracção.

Os jornaes francezes dão morto em uma aldea proxima a *Saint-Chaftes* um homem com 104 annos de edade.

Calcula-se em 30.000 o número dos irlandezes emigrados da sua patria em 1845.

Os caminhos-de-ferro de Paris a Rouen, a Orleans, a Saint-Germain e Versailles, d'ambas as margens do Sena, transportaram no mez d'abril último 446,905 viajantes; o rendimento montou a 1,647,928 francos.

Parece que da Norwega se exportaram tres carregações de gêlo para Portugal.

Os caminhos de ferro em Inglaterra renderam no 1.º trimestre do corrente anno: 116:000 libras; em o 1.º trimestre de 1845 tinham rendido 97:000 libras, e no de 1844, 78.000 libras.

Lecomte, o que dera o tiro contra o rei dos francezes, padeceu a pena dos parricidas no dia 8 do corrente em Paris. Mostrou, diz-se, muita resignação, e verteu algumas lagrymas. Foi conduzido ao supplicio descalso, alva, e um veo preto pela cabeça. Assevera-se que o advogado do reu requerêra pessoalmente o perdão do seu cliente e que o rei Luiz Philippe lhe quizera comeffeito perdoar a pena-última, e que a rainha mesma intercedêra por o criminoso; no emtanto o conselho-de-ministros instou pela execução da sentença.

CORREIO NACIONAL.

669 Hoje (23) chegou paquete d'Inglaterra com folhas de Londres até 17 e de Paris até 15. Traz 103 passageiros, entre estes um correio do Govêrno-pontificio com a notícia official ao nosso gabinete da morte de Sua Santidade. Daremos conta das noticias mais importantes.

A noite d'hontem para hoje *(noite de San'João)* passou-se no meio dos folgares do costume. A concorrencia de povo pelas ruas e na Praça-da-Figueira foi muito numerosa toda a noite. Houve fogueiras em quasi toda a cidade. Por toda ella se deitou fogo do ar, e houve os discantes do estylo. Tudo se passou com o maior socego, e até agora não me consta que a menor desordem viesse enluctar o prazer do povo, que parecia gozar e procurar satisfeito todos os folguedos d'esta bella noite.

Chegou d'Angola a Escuna de guerra *Meteoro* em 67 dias, tendo feito escala pelas ilhas de San'Thomé. Reinava socego n'aquellas partes dos dominios portuguezes. Não traz noticia digna de referir-se.

Parece que teremos tres noites de theatro em San'-Carlos em beneficio dos emigrados portuguezes que devem regressar d'Hispanha. Se ésta combinação não falhar ouviremos o *Hernani* pela Sr.ª Rocca.

Diz-se que se ensaia no Theatro-nacional o *Alfageme* do Sr. Garrett. A parte do Alfageme será desempenhada pelo Sr. Epiphanio, que substitue o Sr. Dias; e a de Froilão pelo Sr. Victorino que substitue o Sr. Epiphanio.

Na noite de 29 é no theatro do Salitre o beneficio da familia Santi, dançarinas do theatro de San'Carlos. As beneficiadas dançarão um tercetto, e pela última vez a *styrianna* que o publico muito tem applaudido.

Chegou o novo vapor de guerra *Mindello*, de Londres, onde foi mandado construir por conta do Estado. É da fôrça de 220 cavallos e tem seis peças.